



Dezassete de Novembro de 1908

# O dia em que o comboio real parou sobre a Ponte Seca



O comboio real e a respectiva comitiva parados sobre a Ponte Seca de Durrães

A noite, ao que tudo indica, foi passada num clima de verdadeira azáfama. Ninguém, por um só instante, descansou ou dormiu na Quinta da Igreja, em Durrães. Afinal, ali, na casa do conselheiro Manuel Inácio de Amorim Novais Leite, primo do também conselheiro e ministro José Novais, tinha-se vivido a véspera de um dia que prometia ser glorioso e, por isso, teve que se fazer o melhor. Na cozinha, muito provavelmente o lugar mais agitado da casa na noite de 16 de Novembro de 1908, preparava-se o almoço para o dia seguinte e que dali a algumas horas haveria de ser servido ao Conselheiro, mas também ao rei... ao Rei de Portugal. De visita a Viana do Castelo, D. Manuel II tinha aceite o convite de Novais Leite para almoçar em Durrães. Havia, portanto, que ter tudo pronto para que nada faltasse na curta paragem de Sua Majestade por terras do Vale do Neiva. Numa longa visita pelo norte de Portugal, o monarca chegava finalmente a Durrães a 17 de Novembro, depois de ter visitado Braga no dia 11

e ter regressado ao Porto onde festejou, no dia 15, o seu aniversário, o décimo nono. Como naquela altura os ataques republicanos teimavam em asfixiar ainda mais a monarquia e um reinado que ficou marcado pela queda sucessiva de governos, a paragem em Durrães foi mais uma dor de cabeça para a guarda real. Como lembrou ao *Jornal de Barcelos Domingos da Calçada*, escritor daquela freguesia, naquela altura “a Maçonaria tentava liquidar o rei para implantar a República. E esta zona tinha bastantes maçons. Havia-os aqui em Durrães, havia-os em Tregosa... um deles, que tinha um apelido Da Torre, ao que parece, teve que fugir para África, porque esteve toda a noite a ver se destruí a Ponte de Ferro [ponte ferroviária entre Tregosa e Barroselas] para matar o rei ao passar. E, por essa razão, tanto a Ponte de Ferro como a Ponte Seca tinha guardas em todos os pegões.” Na memória de D. Manuel II estavam ainda frescas as recordações do atentado que nove meses antes, a 1 de Fevereiro, tinha vitimado o

seu pai, o rei D. Carlos, e irmão, o príncipe herdeiro, D. Luís Filipe. Manuel Buiça e Alfredo Costa, dois carbonários e, muito provavelmente, membros de uma loja maçónica, foram os carrascos dos dois monarcas mortos no ataque do Terreiro do Paço. Na carruagem seguia também D. Manuel II que, só por sorte, apenas foi ferido num braço. A paragem de D. Manuel II em Durrães exigia, por isso, cuidados redobrados e é então aqui que se dá um dos momentos mais simbólicos da primeira visita oficial do rei ao norte do país. Vindo de Barcelos, onde parou por breves instantes para ser saudado pela multidão que o aguardava - foi aqui que D. Manuel terá prometido visitar mais tarde a cidade (fê-lo em Dezembro desse mesmo ano) -, o comboio real parou sobre a Ponte Seca. Assim, diz Domingos da Calçada, “o rei estava bem protegido”, longe do alcance da maçonaria, “implantada desde a passagem do caminho-de-ferro pelos engenheiros franceses que aqui andavam, já que estes eram maçons.” De resto, a paragem sobre

a ponte para que o rei almoçasse sem correr grandes riscos de segurança não levantava grandes problemas. O número de comboios a circular na altura era reduzidíssimo - nos finais do século XX apenas circulavam entre o troço Barcelos e Darque dois comboios por dia -, e a Quinta da Igreja, onde o almoço foi confeccionado, ficava a poucos metros da ponte. Por isso, sobre o olhar atento da guarda real, que montou segurança nos dois extremos da ponte, o almoço foi então servido ao rei no interior do comboio, presume-se, pelas criadas da casa do conselheiro Novais Leite. Domingos da Calçada crê que assim tenha sido porque “aquela casa era uma escola para as criadas daquela época”. Mas se sobre quem terá servido o almoço ao rei não existem grandes dúvidas, o mesmo não acontece em relação à ementa. Passados 93 anos, ainda não é conhecido o que é que o rei comeu no dia em que o comboio real parou sobre a Ponte Seca. A duração da refeição também ninguém parece saber exactamente qual foi, embora um correspondente do *Jornal*

de Notícias tenha escrito na altura, citado por Paulo Passos na monografia *O Couto de Carvoeiro*, que “Na passagem por Durrães, parou o comboio cerca de meia hora, para Sua Majestade acabar de almoçar...”. E como o almoço decorreu sem incidentes, alguns metros mais abaixo, no apeadeiro de Durrães, Mateus Zeferino Pereira da Silva, senhor da Quinta de Malta, tinha sido escolhido para ensaiar, juntamente com a população que se concentrou no apeadeiro para ver o rei, “os vivas” a dar ao jovem monarca. Contudo, conta Domingos da Calçada, “presume-se que por motivos de segurança”, o comboio não parou, deixando apenas as pessoas a perguntar “qual é o rei?”, “qual é o rei?...”. Domingos da Calçada está convencido de que “não haviam condições de segurança para o comboio parar”, e, “se parasse no apeadeiro como várias pessoas estavam a contar, podia ter-se dado um atentado. Portanto, o comboio seguiu sempre e parava, geralmente, nos sítios onde o rei tinha a guarda real a defendê-lo.”

Menos de dois anos depois de ter estado em Durrães, na tarde de 5 de Outubro de 1910, D. Manuel II e a família embarcavam de forma dissimulada na Ericeira em direcção ao exílio inglês. Da parte da manhã, a implantação da república tinha sido proclamada e a monarquia chegava assim ao fim sem que, no entanto, se tivesse ouvido lamentá-lo. Antes, na visita a Barcelos em Dezembro de 1908, D. Manuel II agradeceu os festejos em honra da sua visita e lembrou desta forma o assassinato do seu pai e do seu irmão: “Povo bondosíssimo deste Minho tão belo e calmo sabe sentir e vibrar de comoção ante dores e alegrias; sabe recordar com merecido horror o execrando crime que me privou de um rei que era pai bem amado e de um príncipe que era meu queridíssimo irmão, ao mesmo passo afogando em seu coração tão fundas mágoas saúda hoje com entusiasmo e alegria aquele que chamado à sucessão dos seus maiores é hoje conde e duque de Barcelos e Rei de Portugal.”

Paulo Vila



## Ponte Seca

# Uma obra “elegante”

Paulo Vila



Ponte Seca, em Durrães

Referindo-se às infra-estruturas ferroviárias construídas ao longo de toda a Linha do Minho, Teotónio da Fonseca chamou-lhe “a obra (...) mais alta e elegante de toda a linha.” De facto, a Ponte Seca, ou Viaduto de Durrães, como também é conhecida, surge, 130 anos depois, como uma das mais emblemáticas construções projectadas pela antiga Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portugueses. Extraordinariamente grande, a ponte que serviu de “guarda” a D. Manuel II durante o almoço oferecido pelo conselheiro Novais Leite, em 1908, tem 22 metros de altura e 255 metros de comprimento. Os 16 arcos de volta redonda em cantaria, todos iguais, atingem, cada um, oito metros e meio de vão. Imitando algumas das técnicas romanas na construção de pontes deste género, os arcos estão assentes em sólidos pilares do mesmo género de cantaria. Segundo Justino Maciel, autor da brochura Pontes e Viadutos Numa Perspectiva de Património Industrial, também “os fundamentos, em terreno húmido, seguiram o protótipo romano, pois estão assentes em toros de madeira enterrados na vertical.” Do longo tabuleiro destacam-se as cornijas e, sobre estas, as guardas que, Domingos da Calçada, escritor local, assegura só terem sido colocadas “já o comboio passava na ponte há alguns anos.” Justino Maciel, refere ainda que “segundo

testemunhos locais, os materiais [empregues na construção da ponte] foram transportados para os seus lugares por plano inclinado a partir de cima, à medida que os carris avançavam.” Apesar de se tratar de um período de tempo muito curto, as pessoas da freguesia de Durrães asseguram que a Ponte Seca - nome pelo qual é conhecida por não passar água por baixo - apenas demorou três anos a ser construída. O número de trabalhadores que operaram na ponte é desconhecido - sabe-se, no entanto, que uma grande parte dos pedreiros vieram de Nogueira, Viana do Castelo -, da mesma forma que está por apurar o número de trabalhadores que morreram durante a construção. Nem mesmo os registos paroquiais daquela altura fazem qualquer referência a este assunto. Paulo Passos, escreve na sua monografia O Couto de Carvoeiro que para a construção da ponte “foram apresentadas duas propostas: uma, de Manuel Corbal, outra de Berando Paulo. O primeiro comprometia-se a concluir a obra no prazo de 16 meses a contar do dia em que recebesse a ordem para trabalhar; orçou a obra em 43.500\$00; o segundo, apresentou idêntico orçamento, e prazo de conclusão de 18 meses.” Curiosamente, em ambos os casos, os empreiteiros comprometiam-se a construir a ponte num prazo inferior àquele que, segundo populares, terá

demorado (36 meses). Manuel Corbal, por Portaria datada de 15 de Maio de 1876, foi autorizado a construir a ponte pelo preço de 35.507\$127 réis, uma insignificância quando comparados com os 284.513\$850 réis gastos na construção do túnel de Tamel. A data da conclusão da ponte não é exacta, contudo, a chegada do comboio a Barroelas acontece pela primeira vez no dia 24 de Fevereiro de 1878. E se tivermos em atenção o dia em que a obra foi concessionada, custa acreditar que a Ponte Seca tenha sido construída em apenas 21 meses.

### Uma história real

Como em todas as grandes construções, também a da Ponte Seca deixou muitas histórias para contar. Lendas, chamar-lhe-ão uns, tretas, dirão outros, mas esta, assegura Domingos da Caçada à medida que vai recordado para o Jornal de Barcelos a passagem de um galego por Durrães, “não é lenda”, “foi assim que aconteceu”. Encarregado de fornecer a pedra necessária para a construção, um galego, atento aos custos exorbitantes que o transporte da pedra de locais mais afastados da ponte acarretaria, procurou em Durrães “um penedo onde pudesse fazer um corte.” Ao fim de alguns dias, a matéria prima tinha sido encontrada mas o proprietário teimavam em não vender o penedo por

recetar que as explosões lhe desfizessem a casa e o eirado. Apenas vendia tudo. E é assim que com o dinheiro da venda pagou as dívidas e foi morar para outro lugar. Alguns dias depois, “o galego foi estudar o penedo para ver a maneira mais económica de lhe fazer o corte”. É então que repara “que no cocuruto do penedo havia um segundo, onde por um corte horizontal cabia um pataco.” Convencido de que o penedo já tinha sido levantado com uma alavanca e que ao descê-lo não ficou devidamente assente, pensou “que podia ter sido para [lhe] esconder alguma coisa” no interior. Depois de ter ordenado aos operários que fizessem um furo e lhe “carregassem um tiro”, mandou-os embora e, sozinho, provocou a explosão. Foi então que descobriu um vão cheio de ouro, presume-se que moedas. Desorientado, agarrou no ouro e foi ter com o dono da casa. Estranhando, o homem disse que não podia aceitar porque já não tinha o dinheiro para lhe devolver, mas o galego insistiu para que ficasse novamente com ela sem qualquer custo. Durante a noite, afirma sabiamente Domingos da Calçada, “o galego agarrou no ouro e esgueirou-se de cá para fora.” A pedra para a ponte teve que ser cortada noutro sítio, “porque o penedo ainda lá está, no lugar do Souto”, com todas as marcas desta história.

Paulo Vila

## Jornadas de História

### Gonçalo Pereira e padre Abel Varzim em destaque

A vida e obra de Gonçalo Pereira e do padre Abel Varzim vão estar em destaque nas Jornadas de História que vão decorrer a 7 de Dezembro no auditório da Biblioteca Municipal. Durante a manhã, a vida e obra do padre natural de Cristelo, onde acabou “exilado” por criticar e se opor ao Estado Novo, vai ser abordada por João Gomes, do Fórum Abel Varzim. O sindicalismo católico, a que Abel Varzim esteve muito ligado durante aquele período da história contemporânea portuguesa, é o tema a desenvolver por Maria Inácia Rezola, da Escola Superior de Comunicação Social de Lisboa. As Jornadas, organizadas pelo Pelouro da Cultura da Câmara de Barcelos, terminam com intervenções de Jorge Alves, da Universidade do Porto e de Victor Pinho, da Biblioteca de Barcelos, sobre a vida e obra de Gonçalo Pereira, o filantropo e mecenas da instrução popular, que dá nome à maior escola do 1.º Ciclo do concelho.

### Pintura de José Silva na DRC

Na Galeria DRC, em Barcelinhos, está patente desde sábado e até 23 de Dezembro uma exposição de pintura de José Silva. A exposição pode ser visitada de terça a sábado das 10h30 às 12h30 e das 14h30 às 19h30.

### Feira de Outono no Porta Nova

O Agrupamento de Escolas Gonçalo Nunes, que além da EB 2,3 integra os jardins de infância e escolas do 1.º Ciclo de Arcozelo, faz na manhã do próximo sábado, no Largo da Porta Nova, a segunda edição da sua Feira de Outono. A iniciativa começa a partir das 8h30 e vai incluir “jogos tradicionais e animação variada”. Os visitantes vão ter à disposição uma grande variedade de produtos incluindo artigos feitos nas escolas pelos alunos.

### Magusto do Centro de Gestão

O Centro de Gestão Agrícola de Barcelos faz no próximo domingo, dia 25, o seu almoço-convívio anual, desta vez na Quinta Agro - Landeiro, em Silveiros (junto à estrada Barcelos/Famalicão). Da ementa do almoço faz parte um churrasco de carnes de porco e de vaca, oferecidas pelos associados do Centro. Para a tarde está prevista uma gincana de tractores e um magusto. Fundado em 1988, o Centro de Gestão Agrícola de Barcelos é uma associação de agricultores sem fins lucrativos, que presta serviços de informação e contabilidade aos seus associados.

### Tamel S. Veríssimo

#### Convívio de idosos

Em Tamel S. Veríssimo estão a decorrer até ao próximo dia 28, quarta-feira, as inscrições para o quarto almoço-convívio de Natal dos idosos da freguesia. A festa, organizada pela Junta de Freguesia, Grupo de Jovens e Agrupamento de Escuteiros, com a colaboração de empresas de S. Veríssimo e de outras freguesias, está marcada para 9 de Dezembro e vai incluir almoço gratuito e animação para os idosos com 65 ou mais anos.

### Assembleia do Nucaminho

No próximo sábado à noite o Nucaminho - Núcleo dos Camionistas do Minho, reúne em assembleia geral para fazer a apresentação do plano de actividades para o próximo ano e para analisar outros assuntos que interessam à associação. A assembleia vai ter lugar às 21h00 na sede do Núcleo, no Lugar da Estrada, na Várzea.